

3ª edição

Corpo editorial

Joana Souto Guimarães Araújo

Rogério Almeida

Tatiana Aparecida Picosque

O terceiro número da revista *Desassossego* inclui um dossiê sobre literatura portuguesa contemporânea, organizado em torno de artigos que abordam temas e autores da segunda metade do século XX em diante. A multiplicidade da cultura e da arte envolve, no caso da produção desse período, todos os matizes do construto textual, todas as vozes de gêneros dissonantes, todos os contraditórios sentimentos gerados por análises críticas, enfim, tudo o que desassossega estudiosos e curiosos desse universo por onde circula a revista, que é a internet. Afinal, “o centro está em todos os lugares e a circunferência em nenhum”.

No entanto, em face do caráter plural deste dossiê, um percurso possível, entre os oito artigos, poderia iniciar com o texto de Cláudio Alexandre Barros Teixeira, “Vanguarda poética em Portugal”, que fornece uma introdução ao leitor que busca compreender algumas das principais tendências da poesia contemporânea portuguesa, principalmente das décadas de 1950-70, devedoras da “retórica, pesquisa formal e espírito utópico” das vanguardas históricas do início do século XX. Além de discorrer sobre a “releitura criativa” que a Poesia Experimental Portuguesa (PO - EX) da década de 1960 empreendeu da tradição cultural barroca e da vanguarda internacional, o artigo de Teixeira também deixar entrever as especificidades da Poesia Experimental em suas releituras das primeiras vanguardas, destacando as diferenças entre as duas manifestações.

O artigo “As palavras de Eugénio de Andrade”, de Raquel de Menezes, continuaria esse percurso ao tratar de certos aspectos da poesia de Eugénio de Andrade, que, tendo iniciado a sua trajetória na década de 1940, não participou da produção da Poesia Experimental Portuguesa, mas antecipou, como demonstra Menezes, algumas de suas principais questões em torno da linguagem poética. Eugénio “restituiu a posição central da palavra no poema”, traço recuperado das vanguardas, no empenho para “chegar a uma palavra livre”.

Nos três artigos sobre Herberto Helder, o primeiro, de Tatiana Picosque, “A poética obscura e corporal de Herberto Helder”, o segundo, de Maria Inês de Castro e Silva, “Cinema inquietante: sublime de uma sala de cinema(s) em Herberto Helder”, e, por fim, “A questão da autoria em *Os Passos em Volta* de Herberto Helder”, de André Luiz Lorenção, os temas da palavra também aparecem sob ângulos outros e complementares. Picosque trata da busca da

pureza absoluta do poema, misteriosa até para Herberto Helder, conforme a autora; Castro e Silva, por sua vez, expõe a relação entre as artes da poesia e do cinema, aproximadas, na obra de Helder, como experiências de “transe fugaz” e “arrebato”, iluminadas, ainda, pela noção do sublime. No último texto sobre Herberto Helder, André Luiz Lorenção concentra-se na prosa do autor, e, por meio de uma análise atenta de dois contos de *Os passos em volta*, ressalta o caráter ambíguo presente no discurso dos narradores. Segundo o autor, os sentidos ampliados pelas potencialidades da linguagem escapam à própria intencionalidade do autor, contrariando, assim, as tantas abordagens biográficas que se têm feito dos contos analisados.

Ainda sobre textos em prosa, destacamos o artigo “O retorno do exilado em *O ano da morte de Ricardo Reis* de José Saramago”, escrito por Tiago Ribeiro, em que analisa o “discurso outro” tecido pelo narrador a respeito da cidade ou sobre o *status quo*; e “Aspectos parodísticos em *O dia dos prodígios*”, de Elisângela Fátima Nogueira Godêncio, que estabelece uma reflexão sobre a linguagem de ruptura ao analisar o procedimento da paródia no romance de Lídia Jorge, publicado na década de 1980, e ambientado em uma aldeia portuguesa nos tempos da Revolução dos Cravos (abril de 1974).

E, finalmente, contribui Leonardo de Barros Sasaki com a análise do tema do intimismo na obra poética inicial de Vitorino Nemésio, à luz da tradição simbolista-decadentista, que, nas últimas décadas do século XIX, problematizou, segundo Sasaki, “a conquista romântica da intimidade”. O autor demonstra que a preferência pelo tema do intimismo na modernidade significou a formulação, na poesia, “de um sentimento de nostalgia por uma plenitude perdida”, e analisa o tratamento mais recente dado por Nemésio a certas imagens recorrentes, que reforçam a noção de “evanescência”, de “fugacidade do tempo” e de “impotência diante dos grandes mistérios”.

Os demais artigos pertencem ao espectro de estudos da revista, mas não tratam do tema do dossiê. Em “Alexandre Pinheiro Torres e Camilo Castelo Branco em diálogo intertextual”, Luiz Maria Veiga aproxima o romance *Espingardas e Música Clássica* da obra de Camilo Castelo Branco, sobretudo *Amor de Perdição*. Flávio Reis, em “Cícero ‘em linguagem portuguesa’ quinhentista”, comenta a tradução de Cícero realizada por Duarte Resende, no século XVI, e investiga os possíveis interesses do tradutor, que, pertencente aos “círculos da fidalguia latinizada” e funcionário do serviço real, planejava divulgar tratados de filosofia moral ciceroniana, os quais respondiam às necessidades éticas e políticas das cortes e forneciam modelos de conduta moral apropriados à doutrina cristã.

O texto de Isabele Amorim analisa a necessária alavancada que os primeiros modernistas portugueses tentam dar num teatro que em pleno século XX ainda está sob a égide naturalista, esquecendo os pressupostos de criação estilística, formal e conteudística. Como a própria autora diz, “que o drama possa, também por meio de sua estrutura, refletir melhor sobre os novos temas que preocupam o homem”.

O texto “Literatura portuguesa em plagas brasileiras oitocentistas: o culto bocagiano de Álvares de Azevedo e o missionarismo camoniano de Joaquim Nabuco” faz questionar, de algum modo, os resquícios de lusofobia presentes na cultura brasileira até os dias de hoje. A leitura do texto de Lima Drummond, embora centrado em outro momento histórico, nos desperta, ainda, a vontade de não nos esquecermos da parte portuguesa que habita a cultura brasileira.

Ana Luísa Oliveira analisa dois romances de Camilo Castelo Branco numa perspectiva destoante da crítica mais tradicional, que se aproxima do autor orientada por critérios românticos e essencialistas. A autora privilegia, para tanto, a função do desejo na narrativa, estruturando uma relação triangular em que, como diz, “um sujeito somente define seu objeto de desejo a partir da sugestão de um terceiro elemento.”

Já o texto de Isaac Ramos propõe uma síntese da obra de Alberto Caeiro no que diz respeito à construção de um universo sacro e profano, sobretudo na leitura do canto VIII d’*O guardador de rebanhos*: “O sagrado e o profano nunca estiveram tão próximos com a humanização de Cristo. A mesa dos versos está posta. A ceia será servida.”

E, por fim, o tema trabalhado no artigo de Márcio Jean é a presença do intimismo na obra de Florbela Espanca. O autor aponta para a construção de paradoxos tão belos e profundos quanto a condição humana. Além disso, demonstra como a escrita e a dor são cúmplices do poeta em sua experiência que talvez não se resuma à catarse.

Para a seção *Poesias* desta terceira edição, contamos com dois poemas a prestigiá-la: “O cavalo azul” de Alexandre Bonafim e “Desassossego por vir” de Luis Estrela de Matos. “O cavalo azul” se configura como poema caudaloso e que preza o culto ao sagrado e à beleza no que tange a arte poética. Apropria-se obsessivamente da natureza, tramando com tom sublime o texto. O leitor certamente se rende ao efeito extático causado pelo poema, deixando-se conduzir por sua densidade metafórica. “Desassossego por vir”, pelo contrário, traz-nos um tom marcadamente crítico acionado pela “falta de desassossego” em torno da nossa realidade cotidiana. Destaquemos o léxico constituído de modo criativo com termos que remetem à obra pessoana e ainda o uso do título *O livro por vir*, de Maurice Blanchot, mesclado ao do *Livro do*

desassossego no intuito de compor o título do próprio poema, o que confere um efeito dinâmico e eficaz ao contrastá-lo com o texto. Sem dúvida, dois poemas inquietantes.

Incluimos também, nesta edição, a entrevista concedida pela dramaturga Júlia Nery ao projeto *Autor por Autor: a literatura portuguesa à luz do teatro*, idealizado e coordenado pelos professores Francisco Maciel Silveira e Flavia Maria Corradin, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em janeiro de 2001, do qual participou Alleid Ribeiro Machado, realizadora da entrevista. Nela, Júlia Nery comenta a composição de sua peça *O plantador de naus a haver*, publicada em 1994.